

A escuta que salva: Míchkin e o episódio de Marie como expressão da ética da presença, em “O idiota”, de Fiódor Dostoiévsk

The Listening That Saves: Myshkin and the Episode of Marie as an Expression of the Ethics of Presence in The Idiot by Fyodor Dostoevsky

LARA PASSINI VAZ-TOSTES

Bacharel em Direito (UFMG)

laravaztostes@hotmail.com

Resumo: Este artigo analisa o episódio de Marie em *O idiota*, de Fiódor Dostoiévski, como expressão concentrada da ética que orienta o príncipe Míchkin. Ao escolher não castigar, não corrigir nem doutrinar as crianças que agridem Marie, mas simplesmente estar com ela, Míchkin revela uma forma radical de virtude: a compaixão como escuta encarnada. O gesto, silencioso e afetivo, desarma a violência não por confrontação, mas por contaminação afetiva. Propõe-se que esse episódio se articula com uma concepção de beleza não estética, mas ética, e se aproxima da postura de Aliócha Karamázov junto às crianças em *Os irmãos Karamázov*, configurando o gesto de escuta como forma de redenção silenciosa do mundo.

Palavras-chave: Dostoiévski; escuta; ética; infância; compaixão.

Abstract: This article analyzes the episode of Marie in *The Idiot* by Fyodor Dostoevsky as a concentrated expression of the ethics that guides Prince Myshkin. By choosing not to punish, correct, or indoctrinate the children who assault Marie, but instead simply being with her, Myshkin reveals a radical form of virtue: compassion as embodied listening. This silent and affective gesture disarms violence not through confrontation, but through emotional contagion. It is proposed that this episode articulates a conception of beauty that is not aesthetic, but ethical, and it parallels the posture of Alyosha Karamazov toward children in *The Brothers Karamazov*, configuring the act of listening as a form of silent redemption of the world.

Keywords: Dostoevsky; listening; ethics; childhood; compassion.

1. INTRODUÇÃO: QUANDO A ESCUTA SE FAZ GESTO

Há gestos que não pretendem salvar o mundo, mas o sustentam em sua parte mais frágil. A cena de Míchkin diante de Marie não é grandiosa, nem heroica: é silenciosa, encarnada, atenta. A aparente inatividade do personagem é, na verdade, uma forma de ação delicada, que se expressa como escuta viva. Emmanuel Levinas (1993) propõe que o rosto do outro nos interpela antes de qualquer mediação: ele nos obriga eticamente apenas por se apresentar como vulnerável. A presença de Marie, exposta à violência simbólica e física, é justamente esse rosto que não pode ser ignorado sem que haja cumplicidade com sua aniquilação.

Míchkin não responde a essa interpelação com discurso, mas com companhia. Simone Weil (2002, p. 100) afirma que “a atenção é a forma mais rara e pura de generosidade”. É esse tipo de atenção que Míchkin dirige a Marie: uma escuta que se realiza sem a intenção de dominar, consolar ou corrigir. Ele apenas está. E nesse estar transborda um tipo de cuidado que não se mostra, mas se oferece.

Essa forma de presença desafia o ethos contemporâneo descrito por Byung-Chul Han (2015), em que a positividade da performance esvazia o espaço da verdadeira escuta. No mundo da eficiência, onde tudo deve ser comunicado, resolvido ou produtivo, a escuta incondicional torna-se subversiva. Míchkin, ao silenciar com Marie, rompe o circuito da utilidade e devolve sentido ao gesto como lugar de relação.

Esta introdução propõe, portanto, que o episódio de Marie não seja lido como nota biográfica, mas como concentração simbólica de uma ética maior que atravessa *O Idiota*: a ética da escuta como possibilidade de salvação silenciosa. Uma salvação que não se impõe nem promete, mas se oferece no corpo de quem não recusa estar.

O presente artigo fundamenta-se em uma metodologia qualitativa e interpretativa de base hermenêutica, com análise textual e simbólica do episódio de Marie em *O Idiota*, de Dostoiévski, com apoio em referências filosóficas e literárias como Levinas, Weil, Han e Ricoeur. O objetivo não apenas é interpretar o gesto de Míchkin, mas também compreender sua potência como figura de uma ética da escuta não performativa. Ao relacionar esse gesto com o de Aliócha de *Os Irmãos Karamázov*, o artigo busca ampliar sua validade externa, mostrando como essa ética da escuta silenciosa se repete no universo dostoiévskiano como proposta existencial: o cuidado como forma de convivência. Trata-se, portanto, de uma proposta que não apenas analisa um episódio isolado, mas também propõe uma chave de leitura para Dostoiévski como um pensador da escuta encarnada.

2. MARIE: FIGURA DO EXCLUÍDO

Marie representa, no universo de *O Idiota*, a figura da vida que foi socialmente declarada como descartável. Jovem, deficiente mental e rejeitada, ela ocupa um lugar liminar entre a existência e a invisibilidade. Como se pode ler no relato de Míchkin: “Ela caiu em desgraça, ficou sozinha, todos a expulsaram, e depois começaram a zombar” (Dostoiévski, 2002, p. 216). Essa exclusão não é apenas social: é ontológica — apaga a condição de sujeito e retira o direito de ser. Judith Butler (2015), ao tratar da noção de “vidas precárias”, afirma que a sociedade estabelece quadros de reconhecimento que determinam quais vidas são dignas de luto e quais são consideradas indignas mesmo de existir. Marie é, nesse sentido, uma vida não chorada, não reconhecida como sujeito, mas como ruído no espaço social.

Quando as crianças a apedrejam, a violência que realizam é também simbólica: perpetuam a ideia de que há corpos que não merecem cuidado, e sim correção ou escárnio. Paul Ricoeur (2005), em sua análise sobre o “reconhecimento”, propõe que a condição plena de sujeito só se realiza quando o outro é reconhecido em sua vulnerabilidade e capacidade de agir. Marie, sem quem a reconheça, é apenas efeito de rejeições alheias. Sua humanidade, portanto, depende do olhar que a restaura como pessoa.

A condição de Marie pode ainda ser pensada à luz da obra de Frantz Fanon (2008), quando descreve o processo de desumanização estrutural sofrido pelos sujeitos racializados e colonizados. Embora o foco de Fanon seja a violência colonial, o mecanismo de exclusão é análogo: a retirada sistemática de reconhecimento, até que o outro se torne invisível ou sub-humano aos olhos da sociedade. Marie, como corpo socialmente rejeitado, é também produto de um olhar que mata antes mesmo de ferir.

O que torna esse episódio particularmente poderoso é sua capacidade de revelar uma estrutura social de exclusão que se inicia na infância. As crianças aprendem, desde cedo, a repetir os gestos de exclusão que observam nos adultos. A violência que praticam contra Marie não é autônoma: é mimética, sintoma de uma cultura que ensina a rejeição como critério de pertencimento. A pureza infantil, tão idealizada, é aqui desfeita — e é justamente essa desconstrução que permite à narrativa mostrar como o gesto ético pode surgir não de uma regra, mas de uma ruptura.

Assim, o episódio é configurado como uma microcena de violência cultural e afetiva, em que o gesto de Míchkin não apenas modifica o presente, mas também reinscreve Marie no campo do reconhecível. Sua existência deixa de ser ruído, e volta a pulsar como presença. Como o próprio Míchkin relata: “Naquela hora me senti tão comovido com ela, tão ferido por tudo aquilo que acontecia diante de mim... Que podia eu fazer? Fiquei com ela” (Dostoiévski, 2002, p. 217).

Nesse sentido, Míchkin é menos um salvador e mais um restituidor de sentido. A escuta que oferece não corrige, mas redimensiona. E é por meio dessa escuta que Marie, antes excluída da linguagem do mundo, volta a habitar seu corpo — não como ausência, mas como forma viva de alteridade. Diante da escuta de Míchkin, ela enfim diz: “Não sou má... Por que riram de mim? Eu só queria ser como as outras...” (Dostoiévski, 2002, p. 220). É nesse instante que sua voz reaparece — tênue, mas inteira.

A literatura, ao construir essa cena, também participa do gesto ético. Ao dar voz a Marie, ainda que por mediação, Dostoiévski rompe com a tradição de narrativas centradas nos fortes, nos visíveis, nos agentes de transformação explícita. Marie não transforma o mundo — mas é transformada por um gesto que, sendo pequeno, é imenso. O que Míchkin oferece não é uma nova linguagem, mas a possibilidade de que sua linguagem, embora silenciada, ainda seja escutada. Essa é a verdadeira restituição ética: não dar voz, mas escutar a que já existia e foi negada.

3. MÍCHKIN: O QUE RESTITUI SEM EXIGIR

Se Marie representa a figura do excluído, Míchkin encarna a potência daquele que acolhe sem reivindicar posse. Sua postura diante da dor alheia não é a de um reformador social nem a de um salvador performativo. Ele é, acima de tudo, presença. E é essa presença que restitui: silenciosa, contínua, não condicional. Seu gesto não aponta um caminho para fora do sofrimento — mas sustenta o sofrimento junto ao outro, como quem diz “não és ruído, és presença”.

A filosofia do diálogo de Martin Buber oferece um eixo central para compreender a atitude de Míchkin. Em *Eu e Tu*, Buber (2001, p. 17) afirma que o verdadeiro encontro com o outro só ocorre quando o reconhecemos como um “Tu”, e não como um “Isso” — ou seja, não como objeto a ser analisado, corrigido ou

manipulado, mas como ser vivo, íntegro, digno de relação autêntica. O “Tu” não pode ser tematizado nem dominado: só pode ser vivenciado em sua alteridade radical. Míchkin não transforma Marie em projeto ético, nem em lição moral: ele simplesmente a encontra, e permanece. É essa permanência que a resgata do não-ser.

Míchkin age por um tipo de ética pré-discursiva, intuitiva, quase franciscana — e nesse ponto se aproxima da ideia de sobredeterminação ética discutida por Mikhail Bakhtin em *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Para Bakhtin (2010, p. 56), a singularidade do herói dostoiévskiano está em sua abertura dialógica radical: “a palavra do herói não é o objeto de uma consciência única, que a abarque e a explique. Ela ressoa em múltiplas consciências”. Míchkin não se impõe como voz superior, mas sustenta a escuta como um modo de estar no mundo. Sua ação não se expressa pela eficácia, mas pela disposição interior ao vínculo. Ele não se coloca como consciência conclusiva, mas como presença disponível — e é justamente essa disponibilidade silenciosa que o torna eticamente radical.

Essa disposição é precisamente o que Luiz Costa Lima (1984, p. 102), em sua leitura crítica de Dostoiévski, identifica como “ética da fragilidade” — um eixo em que o valor do humano não reside na força, mas na capacidade de se deixar afetar. Para Costa Lima (1984), a originalidade do autor russo está em não construir heróis invulneráveis, mas figuras cuja dignidade emerge da exposição ética à dor do outro. Míchkin não é forte segundo os parâmetros heroicos; ele é forte porque não resiste ao sofrimento do outro. Sua força está em acolher o que o mundo rejeita, sem se armar contra isso.

A esse respeito, a lógica do dom, tal como pensada por Jacques Derrida (1997), também pode ser evocada. O dom, para ser verdadeiramente dom, não pode esperar retorno, nem mesmo reconhecimento. Míchkin oferece sua escuta como quem oferece algo que não será retribuído. E é exatamente por isso que essa escuta tem valor: ela não está vinculada ao mérito de Marie, mas à sua pura existência. É um gesto que se aproxima do que David Lapoujade (2017) chamaria de “ato de intensificação da presença do outro”, uma maneira de dar densidade ao mundo por meio da atenção silenciosa.

Essa atenção, contudo, não é passiva. Ela exige do sujeito uma vigilância ética constante, como defende Simone Weil (2002), para quem o verdadeiro cuidado só se dá quando o eu suspende a si mesmo para receber a existência do outro. Míchkin pratica essa suspensão: ele se desarma, se desnuda da necessidade de ser eficaz, e oferece o que há de mais difícil — uma escuta que não deseja nada em troca. Ele encarna a forma mais radical de atenção: aquela que se mantém mesmo diante da inutilidade aparente, porque reconhece que o outro não precisa merecer, apenas ser.

O que o príncipe oferece a Marie — e, por extensão, às crianças que o observam — é uma nova possibilidade de relação com a alteridade: uma que não exige adequação, nem recompensa, mas apenas sustenta a existência do outro como legítima. Em um tempo em que a virtude costuma ser confundida com o resultado, Míchkin propõe um modo de agir que é em si um fim: estar junto, sem querer salvar, sem querer ensinar, sem querer nomear. Apenas estar.

Sua ética é desarmada. Não convence, não argumenta, não impõe. Mas permanece. Esse estado de constância, no entanto, não é mudo: ele é feito de escuta viva, como quando, diante do escárnio das crianças, Míchkin diz simplesmente: “Vocês a

espancaram, riram, cuspiram nela... e depois? Ela ficou calada... E agora estou aqui” (Dostoiévski, 2002, p. 219).

E nessa permanência, o gesto revela sua potência. Míchkin não precisa transformar o mundo para transformá-lo: basta que, ao menos por um instante, alguém como Marie volte a ser vista como presença. É nessa restituição do olhar que o mundo se reorganiza — não de fora para dentro, mas de dentro para o sensível.

4. ESCUTA E COMPAIXÃO COMO CONTAMINAÇÃO ÉTICA

Se há algo em Míchkin que verdadeiramente desestabiliza o funcionamento ordinário do mundo, não é sua bondade abstrata, mas sua escuta como forma ativa de contaminação ética. A transformação da cena violenta envolvendo Marie não se dá por uma intervenção discursiva ou corretiva, mas por um gesto afetivo que se irradia — silencioso, mas radical.

Simone Weil (2002), ao refletir sobre a atenção como forma mais rara de generosidade, propõe que o cuidado verdadeiro é aquele que suspende a necessidade de intervir para, simplesmente, sustentar a presença do outro. Ela escreve: “a atenção pura e desinteressada é oração” (Weil, 2002, p. 111). Míchkin, ao permanecer ao lado de Marie sem exigir resposta, sem sequer prometer redenção, realiza uma forma de oração encarnada: uma presença que escuta o sofrimento do outro sem tentar dissolvê-lo, mas também sem permitir que ele se torne irreparável. Essa escuta é, em si, um gesto de justiça.

Mas essa justiça não é formal. Ela não opera por equivalência, mas por intensidade. Henri Bergson (2006), em *As duas fontes da moral e da religião*, distingue uma moral fechada — baseada na obrigação e na norma — e uma moral aberta — fundada no impulso vital e na empatia criadora. A ética de Míchkin aproxima-se dessa moral aberta: ele não escuta porque deve, mas porque sente. Sua escuta não decorre de regra, mas de impulso interior, que transborda para os que o cercam. As crianças que antes agrediam Marie, ao verem o gesto do príncipe, mudam não por convencimento racional, mas porque são tocadas por algo mais profundo que o argumento: são contaminadas pela presença ética.

David Lapoujade (2017), ao falar do poder dos gestos discretos, chama atenção para aquilo que ele denomina “atos de intensificação do real”. Um gesto ético não precisa ser grandioso para ser transformador. Ele modifica o campo da realidade ao seu redor justamente por sua fidelidade ao outro, à situação, à fragilidade que sustenta. Míchkin, ao não se afastar de Marie, ao não tratá-la como uma lição ou uma carência, intensifica o valor de sua presença. Ele não a explica, ele a sustenta — e ao fazer isso, redesenha os limites do que é visível e digno.

Essa contaminação é não apenas afetiva, mas também ontológica. Altera o modo de ser no mundo. As crianças, após testemunharem o gesto de Míchkin, já não podem mais repetir a violência anterior sem que algo dentro delas seja tensionado. Como narra o príncipe: “Elas ficaram quietas, olharam para mim, e uma delas começou a chorar... Acho que entenderam alguma coisa, embora ninguém tenha dito palavra” (Dostoiévski, 2002, p. 221). O silêncio, aqui, não é ausência: é assimilação sensível.

A ética que se propaga não é ensinada: é sentida. Nesse ponto, pode-se dizer que Dostoiévski opera uma pedagogia do sensível: não se trata de formar o leitor por doutrina, mas de expô-lo à possibilidade de transformação por exposição.

A escuta de Míchkin contamina porque revela. Porque mostra que a presença de um corpo frágil pode ser sustentada sem ser redimida. E que essa sustentação é, por si, um milagre. Não um milagre no sentido teológico, mas existencial: o milagre de que, mesmo sem palavras, a ética pode se propagar como um fogo lento — aceso não para iluminar, mas para aquecer.

Por isso, o gesto de Míchkin é não apenas um antídoto contra a violência, mas também uma proposição de mundo. Um mundo em que a escuta não é espera de fala, mas confirmação de existência. Um mundo onde ser com o outro basta para redesenhar os contornos do possível.

5. ALIÓCHA E A CONTINUIDADE DO GESTO

Se Míchkin inaugura, em *O idiota*, uma ética da escuta que não exige resposta, Aliócha Karamázov, em *Os irmãos Karamázov*, prolonga esse gesto silencioso como estilo de vida. Sua presença entre as crianças, especialmente na amizade com Ilúchechka e Kolia, retoma o mesmo eixo ético de Míchkin: não se trata de corrigir o mundo, mas de sustentar com ternura aquilo que nele ainda resiste à ruína. Aliócha não é um herói no sentido tradicional; ele é, como Míchkin, um homem da escuta — e por isso, também, da salvação.

A filosofia moral de Charles Taylor (1997) oferece uma chave importante para compreender o sentido da presença de Aliócha. Em *As fontes do self*, Taylor argumenta que todo ser humano se orienta por horizontes de sentido que são anteriores à escolha racional, e que essas fontes morais operam como eixos de orientação do bem. Aliócha, nesse sentido, é um sujeito cuja bússola ética está fixada não em mandamentos, mas em experiências vivas de relação. Ele age porque sente o bem como atraente — não como norma, mas como presença. Sua escuta aos meninos, sua ternura diante da dor, não é dever: é fidelidade interior a um eixo profundo de sentido, que o orienta mesmo em meio à desilusão e ao luto.

Pierre Hadot (1995), em *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, ajuda a pensar a conduta de Aliócha como uma forma de vida filosófica. Segundo Hadot, a filosofia antiga não era apenas um discurso, mas uma prática de si: uma maneira de viver em coerência com a verdade percebida. Aliócha encarna esse ideal. Seu modo de caminhar entre os meninos, sua disponibilidade silenciosa, sua ausência de vaidade ou poder — tudo nele é prática ética discreta, quase monástica. Ele não doutrina: inspira. E essa inspiração não se dá por força, mas por serenidade. Hadot escreve que “a verdadeira filosofia começa quando o eu cessa de ocupar o centro” (1995, p. 82). Aliócha vive, assim, não como centro de autoridade, mas como espaço de escuta.

Se Míchkin representa a pureza da escuta encarnada, Aliócha representa sua continuidade madura. Enquanto o primeiro é muitas vezes tomado por ingênuo, o segundo atua no mundo com uma prudência afetuosa, própria de quem reconhece a dor sem se deixar endurecer por ela. Sua pedagogia é, como a de Míchkin, uma pedagogia

do gesto. Ele não prega: abraça. Não exige: oferece. E por isso, é escutado — não porque fala mais alto, mas porque fala com mais presença.

Na cena da morte de Ilúchechka, quando os meninos se reúnem para enterrar seu amigo, é Aliócha quem organiza, não como líder, mas como elo de união. Ele devolve à infância a possibilidade de memória, e à dor, a possibilidade de comunhão. É ele quem diz: “nós nos lembraremos, para sempre” (Dostoiévski, 2004, p. 737). Essa frase não é apenas consolo; é afirmação de vínculo ético. A escuta que Aliócha oferece se transforma, aqui, em palavra que fixa o vivido no espaço da dignidade.

Jean-Luc Nancy (2002, p. 12), ao refletir sobre o sentido do mundo, escreve que “sentido é aquilo que se compartilha, ou não é”. Aliócha compartilha o sentido do mundo com os que não têm voz. Ele não oferece respostas definitivas, mas oferece companhia. Sua escuta sustenta o tempo da dor como se fosse tempo sagrado. Nisso, ele não apenas prolonga o gesto de Míchkin: ele o eleva a método de convivência.

Tanto Aliócha quanto Míchkin sustentam, cada um a seu modo, uma tradição ética que se opõe à força, ao cinismo e à pressa. Eles não propõem reformas estruturais; propõem outra forma de estar. E essa forma é revolucionária porque, ao restaurar o vínculo entre escuta e presença, entre ética e afeto, desestabiliza a lógica dominante de eficácia e dominação. São figuras que testemunham — com seus corpos, suas palavras mínimas e seus silêncios — que a bondade ainda é possível como escolha cotidiana.

Dostoiévski, ao criar essas figuras, não propõe heróis no sentido moderno — mas testemunhas. Testemunhas de que a delicadeza é ainda possível. E de que, mesmo quando tudo parece ruir, o mundo ainda pode ser salvo — não por sistemas, mas por almas que escutam.

6. CONCLUSÃO: O MILAGRE DA ESCUTA ENCARNADA

A análise do episódio de Marie em *O idiota* e a sua articulação com a figura de Aliócha em *Os irmãos Karamázov*, revelam uma estrutura profunda e recorrente na obra de Dostoiévski: a escuta como gesto ético originário. Míchkin e Aliócha são não apenas personagens virtuosos, mas também modos de presença que desafiam a lógica contemporânea de performatividade, força e dominação. O gesto de ambos consiste em permanecer com o outro, sem pedir que este se modifique para ser digno de acolhimento. Essa escuta não é passiva — é profundamente ativa, pois exige o mais difícil: o esvaziamento do ego para que o outro tenha lugar.

Retomando a metodologia que orientou esta análise, partimos de uma abordagem qualitativa e hermenêutica, centrada na leitura simbólica e textual de dois romances de Dostoiévski. Os fundamentos teóricos foram ancorados em pensadores que dialogam com a noção de ética como presença e escuta: Emmanuel Levinas, Simone Weil, Martin Buber, Henri Bergson, Pierre Hadot, David Lapoujade, entre outros. Com isso, buscou-se mostrar que o gesto de escuta é não apenas uma figura literária, mas também uma categoria ética que atravessa o *corpus* dostoiévskiano de maneira estrutural. A escuta torna-se, aqui, mais do que tema narrativo: é núcleo ético e existencial, mediando os vínculos entre os personagens e, sobretudo, entre o autor e o leitor.

Essa articulação permite, ainda, uma importante validação externa. Ao compreender a escuta como categoria ética encarnada em personagens que são modelos de convivência e não de instrução, o artigo propôs um ponto de inflexão para as leituras contemporâneas de Dostoiévski, aproximando-as das reflexões sobre vulnerabilidade, infância, silêncio e cuidado. Num mundo atravessado por discursos de eficácia, por algoritmos que otimizam a vida, a escuta silenciosa — como a de Míchkin e Aliócha — emerge como forma de resistência sensível. É um gesto pequeno, mas radical. Um gesto que, embora não se imponha, reverbera.

Levinas (1993) afirma que o rosto do outro nos convoca antes de qualquer conceito. É nesse chamado ético, anterior à linguagem, que reside o vínculo entre os dois personagens analisados. Míchkin escuta Marie com o corpo inteiro; Aliócha escuta as crianças com o tempo inteiro. Ambos partilham daquilo que Jean-Luc Nancy (2002) nomeia como “o sentido do mundo enquanto co-presença”. Esse sentido não é revelado por discursos racionais, mas por vínculos discretos: um olhar, uma mão que não se retira, uma escuta que não se acelera. Na economia do invisível, a escuta é uma forma de sustentar o outro no mundo.

Além disso, ao colocar esses personagens em diálogo com filósofos que também se interessam pelas estruturas do vínculo e da atenção, percebemos que a literatura de Dostoiévski antecipa questões que hoje são fundamentais para as ciências humanas. A escuta, nesse sentido, é também um lugar de intersecção disciplinar: filosófico, literário, pedagógico, clínico. O que Míchkin e Aliócha nos ensinam não é um conteúdo, mas uma forma. Um modo de estar que pode atravessar práticas e refazer relações. Como afirma David Lapoujade (2017), certos gestos, mesmo silenciosos, “modificam o campo do sensível” — e é isso que ambos realizam.

Por isso, não se trata apenas de dizer que Míchkin e Aliócha são bons. Trata-se de reconhecer que eles representam uma outra possibilidade de ética: uma ética em que o cuidado não se baseia na utilidade, mas na hospitalidade. Uma ética em que o cuidado não se baseia na utilidade, mas na hospitalidade; em que o gesto não visa ao convencimento, mas à sustentação; em que a presença não é meio, mas fim: que preza a permanência e não exige reconhecimento; apenas continuidade.

A escuta encarnada que atravessa *O Idiota* e *Os Irmãos Karamázov* oferece ao leitor mais do que um exemplo de virtude: propõe um modo de vida. Um modo que desloca a centralidade da fala para o valor do silêncio, da performance para a atenção, do juízo para a companhia. E é por isso que Dostoiévski continua a nos comover. Porque nos recorda que, mesmo nos cantos mais esquecidos do mundo, alguém pode ainda estender a mão — não para salvar, mas para permanecer. Como resume Míchkin ao final da cena: “Não fiz nada... só estive com ela. E acho que isso a ajudou mais do que qualquer coisa” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 222). E que esse gesto, em sua singeleza, é o bastante para redesenhar o humano. Ou, como escreve Weil (2002, p. 132), “milagre não é a suspensão das leis da matéria, mas o acolhimento do outro sem condição”. Um gesto assim não brilha — mas aquece. Não transforma o mundo por força, mas o sustenta por delicadeza. E talvez seja exatamente isso o que permanece.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BERGSON, Henri. **As duas fontes da moral e da religião**. Trad. Nathanael C. Caixeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Tradução de Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COSTA LIMA, Luiz. **O controle do imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

DERRIDA, Jacques. **Dar o tempo**. Trad. Cristina Prado. Campinas: Papyrus, 1997.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O idiota**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamázov**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2004.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. Trad. Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Loyola, 1995.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

LAPOUJADE, David. **Potência do tempo e liberdade**. Trad. Fernando Scheibe. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo**. Trad. Carlos A. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1993.

NANCY, Jean-Luc. **O sentido do mundo**. Trad. Luiz Repa. Rio de Janeiro: Autêntica, 2002.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Trad. Daniela Kern e Antônio Batista. Campinas: Papyrus, 2005.

A ESCUTA QUE SALVA: MÍCHKIN E O EPISÓDIO DE MARIE
COMO EXPRESSÃO DA ÉTICA DA PRESENÇA, EM “O IDIOTA”, DE FIÓDOR DOSTOIÉVSK

TAYLOR, Charles. **As fontes do self**: a construção da identidade moderna. Trad. Adail Ubirajara Sobral e outros. São Paulo: Loyola, 1997.

WEIL, Simone. **A gravidade e a graça**. Trad. Luís S. Krausz. São Paulo: UNESP, 2002.